

---

## **Análise do Discurso do Jornal *O Globo* e das Performances Fotográficas na Revista *Quatro Cinco Um* sobre a Retirada dos Cartazes de Filmes Nacionais pela Ancine<sup>1</sup>**

Daianny Cristine CAMARGO<sup>2</sup>  
José Isaías VENERA<sup>3</sup>  
Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, SC

### **RESUMO**

Este trabalho analisa o discurso do jornal *O Globo* e as performances fotográficas com a atriz Fernanda Montenegro na revista *Quatro Cinco Um*, ambos sobre a retirada dos cartazes de filmes nacionais do portal e da sede da Agência Nacional do Cinema (Ancine) em 2019. Parte-se da análise de discurso de Michel Foucault e da memória discursiva que tanto a cobertura de *O Globo* quanto as imagens fazem funcionar. O jornal *O Globo* foi o primeiro a noticiar, por isso sua escolha, e a revista pela sua forma de fazer a crítica. Considera-se que os dois enunciados mais recorrentes, censura e limpeza, encontram expressão nas performances, evidenciando os sentidos que predominaram sobre o evento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso; Memória discursiva; Ancine; *O Globo*; *Quatro Cinco Um*.

### **INTRODUÇÃO**

No dia 03 de dezembro, *O Globo* foi o primeiro periódico a divulgar que a Agência Nacional do Cinema (Ancine) havia retirado cartazes de filmes nacionais do site e das paredes do prédio da agência, expostos desde 2001, alegando tratamento isonômico. A nota foi divulgada pelo jornalista Ancelmo Gois. Do dia 03 de dezembro de 2019 até 17 de janeiro de 2020, são 10 publicações de *O Globo*, entre matérias, artigos e editorial.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Acadêmica do 6º período do curso de Jornalismo da Univali, e-mail: [daiannyccamargo@gmail.com](mailto:daiannyccamargo@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutor e professor do curso de Jornalismo da Univali e do curso de Publicidade e Propaganda da Univille, e-mail: [j.i.venera@gmail.com](mailto:j.i.venera@gmail.com)

---

A agência tem entre suas funções, fomentar, regular e fiscalizar a indústria cinematográfica e videográfica nacional. Inclui também, nas ações, proteger a liberdade de expressão. O *Relatório de Gestão de 2018* aponta que o Brasil bateu recorde em produções nacionais com 175 filmes lançados, sendo assim, o maior número desde 1995. Aumento também de programações na TV paga voltadas aos conteúdos nacionais. De 2014 a 2018, o aumento de empresas brasileiras no ramo de videogames foi de 142 para 375, produzindo 1.718 jogos com um investimento de R\$ 45,25 milhões em produção e comercialização de jogos brasileiros independentes.

No mesmo relatório da gestão da Ancine, a agência apresenta como resultado esperado para o ano de 2019, um novo *layout* para o portal com informações relevantes aos agentes do mercado e o público em geral, com acesso mais fácil às filmografias. O *site* possuía uma aba (divisão no site) com informações sobre os filmes, que recebia em média 2.600 acessos em dias úteis.

O jornal *Folha de S. Paulo* publicou no dia 03 de dezembro de 2019 a declaração do então Diretor-presidente interino, Alex Braga Muniz, sobre a retirada dos cartazes da sede da agência e da aba de divulgação do site. Segundo Muniz, a retirada do material estaria relacionada com o crescimento dos produtos e conseqüentemente o aumento dos pedidos de divulgação, além da falta de estrutura. Outro argumento é que teria que dar um tratamento isonômico aos artistas tendo respaldo, segundo Muniz, legal na constituição brasileira que garante o princípio da isonomia, ou seja, todos são iguais perante a lei.

A questão que se apresenta nesta prática é de como ela se insere em um discurso do governo que cada vez ganha mais forma, atrelada à uma memória discursiva autoritária e eugenista, que pressupõe a retirada daquilo que, em outras experiências, foi chamado de arte degenerada<sup>4</sup>.

Alguns dos cartazes mais comentados na cobertura de *O Globo* foram: *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964), com direção de Glauber Rocha, *O Bandido da Luz Vermelha* (1968), de Rogério Sganzerla, *Bye Bye Brasil* (1980), de Cacá Diegues.

---

<sup>4</sup> Em 1937, foi criada na Alemanha nazista a Exposição de Arte Degenerada, na cidade de Munique, que reuniu cerca de 650 obras confiscadas dos principais museus do país, para expor o que o regime condenara enquanto manifestação artística. Sobre o tema, Lenharo (2001).

---

## PROBLEMA, OBJETIVOS E PROCESSO

Quais os sentidos e as memórias discursivas que *O Globo* construiu sobre a retirada dos cartazes de filmes nacionais da sede da Ancine e do portal da Agência? A partir desse problema de pesquisa, desenvolveu-se o objetivo de analisar os sentidos e as memórias discursivas produzidas na cobertura de *O Globo* sobre o acontecimento anunciado. Desse objetivo geral, desdobraram-se a pesquisa e seleção dos discursos produzidos no jornal. Em um segundo momento, foi selecionado também as performances<sup>5</sup> fotográficas com a atriz Fernanda Montenegro publicadas na revista *Quatro Cinco Um*, expressando com imagens dois enunciados presentes no discurso de *O Globo*, ou seja, censura e limpeza.

Esse acontecimento adquire importância para o campo do jornalismo na medida em que temos, de um lado, uma prática que pode colocar em xeque a democracia – entre os sentidos que circulam é o de censura –, e de outro, a produção discurso da imprensa sobre a ação da Ancine. Essa pesquisa está relacionada com os eventos recentes da política nacional, com o recorte de um episódio – a retirada dos cartazes – e com a seleção de um veículo – *O Globo* – que investigou o seu desdobramento discursivo.

O cinema nacional integra uma parte importante da nossa cultura. A relação que o governo atual tem com a administração e divulgação, ou sua negação, dos filmes interfere em uma das formas de expressão da nossa herança cultural. Raquel Gerber (1982, p. 23), em seu estudo sobre as obras do cineasta Glauber Rocha, entende que “uma cultura nacional tem que pressupor uma herança arcaica, que é transmitida de geração em geração, inconscientemente, pois que as pessoas nascem em um mundo que já está dado, e que descarrega um fado civilizatório sobre cada casta e cada mente”.

Negar o cinema brasileira, sobretudo do período do cinema novo que explorou em vários trabalhos a herança autoritária, violenta, segregacionista que marca a nossa cultural, é negar essa herança arcaica que se mantêm, pelo curso dos acontecimentos, ainda mais viva. Essa posição do diretor da Ancine, que se estende à posição do governo, coloca em ato (enquanto prática discursiva) a herança autoritária presente na

---

<sup>5</sup> Performance, no Dicionário Houaiss (2001), designa "espetáculo em que o artista atua com inteira liberdade e por conta própria, interpretando papel ou criações de sua própria autoria [...] atividade artística inspirada em formas de arte diversas".

---

história do país, como podemos ver no filme de Glauber Rocha, *Deus e o Diabo na terra do Sol*, de 1964, mesmo ano do golpe militar.

A escolha do jornal *O Globo* se deu pelo motivo de ter sido o primeiro a dar a notícia. Assim, a análise se desenvolveu em um segundo nível de acontecimentos; o acontecimento discursivo produzido pelo jornalismo. Em um segundo momento, o destaque dado ao evento pela revista *Quatro Cinco Um* por expressar via imagem sentidos que se unem aos discursos produzidos pelo *O Globo*.

A pesquisa se desenvolveu em cinco etapas. A primeira com a pesquisa sobre o funcionamento da Ancine, além de um conjunto de informações obtidas a partir do *site*, mas que não estavam facilmente visíveis, como: Resolução de Diretoria e Colegiado; Relatório de Gestão de 2018; Diretrizes do Audiovisual; Norma Complementar e Regulamento do Programa. A segunda parte foi a clipagem de conteúdos sobre o tema no jornal *O Globo*. A terceira parte de pesquisa investigou o discurso do governo referente a retirada dos cartazes e da aba de divulgação dos filmes no site, que se estruturou, a princípio, em torno do argumento de que todos os artistas deveriam ter um tratamento isonômico, sendo que se divulgassem um trabalho e não outro estariam cometendo injustiça. A quarta parte é a análise do discurso do jornal *O Globo*, das publicações entre 03 de dezembro de 2019 a 17 de janeiro de 2020. A quinta parte é a análise das performances fotográficas com a atriz Fernanda Montenegro para a revista *Quatro Cinco Um*.

## **O GLOBO E A ANCINE**

Integrante do maior conglomerado de comunicação do Brasil, o jornal *O Globo* faz parte do *Grupo Globo*. Segundo o site *Memória O Globo*<sup>6</sup>, a primeira edição é de 29 de julho de 1925, iniciativa do jornalista Irineu Marinho, que propunha um jornal plural, comprometido com a liberdade de expressão e inovador. Conquistando assim 33.435 leitores na primeira edição.

O nome foi escolhido através de voto o vencedor foi “Correio da Noite”, mas como já havia dono, optaram pelo segundo lugar, “O Globo”. Irineu faleceu três semanas depois do lançamento. Roberto Marinho tinha 20 anos de idade, sendo o

---

<sup>6</sup> Ver: < <http://memoria.oglobo.globo.com/>>. Acesso em: 13 jun. 2020.

---

primogênito assumiu o tão recente lançado jornal. Em 1954, teve sua nova sede planejada sendo o primeiro jornal a ter o primeiro prédio da América Latina projetado para um jornal. Para comemorar o aniversário de 71 anos do jornal, no dia 29 de julho de 1996, foi lançado o site do *O Globo*, no *layout* se via a cópia da edição em papel, o objetivo era ter uma agilidade maior de informar o seu público.

Segundo dados do *Instituto Verificador de Comunicação (IVC)*, em janeiro de 2020, considerando as assinaturas impressas e digitais, teve circulação em média de 339.891 exemplares. Nos últimos anos, *O Globo* cresceu na base digital subindo de 232.591, em dezembro de 2019, para 240.266, em janeiro de 2020.

A Ancine foi criada em 06 de setembro de 2001 pela Medida Provisória 2228-1, durante o governo do Fernando Henrique Cardoso. A criação do órgão gestor da atividade cinematográfica atendendo uma reivindicação do III Congresso Brasileiro de Cinema (CBC), realizado entre 28 de junho e 01 de julho de 2000, em Porto Alegre.

Administrada por uma diretoria colegiada aprovada pelo Senado, a agência tem sua composição feita por um diretor-presidente e três diretores, aos quais são subordinados por cinco superintendências (Desenvolvimento Econômico, Análise de Mercado, Fomento, Fiscalização e Registro).

A Ancine tem entre suas funções incentivar a produção do setor, o investimento privado e impulsiona os produtos audiovisuais nacionais e independentes para o consumo de brasileiros. É uma agência que regula e fiscaliza o mercado do cinema e do audiovisual brasileiro executando a política nacional de fomento ao cinema, criada pelo Conselho Superior de Cinema, fiscaliza o cumprimento da legislação existente e fornece o Certificado de Produto Brasileiro às obras nacionais, registra as obras cinematográficas e videofonográficas que serão comercializadas. Até o período desta pesquisa, o órgão está vinculado ao Ministério da Cidadania após o Ministério da Cultura ser extinto, em 2019.

## **DISCURSO E DISPOSITIVO MIDIÁTICO**

Parte-se da análise do discurso na perspectiva dos estudos de Michel Foucault (2013). Para o filósofo francês:

---

[...] analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre palavras e coisas, e destacar-se um conjunto de regras próprias e práticas discursivas. [...] não mais se trata dos discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse "mais" que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (FOUCAULT, 2013, p. 60).

A análise não pode se limitar ao evento, ou seja, ao simples fato da Ancine retirar os cartazes dos filmes nacionais dos corredores do prédio e da plataforma *online*, não se trata de uma relação entre coisas (cartazes) e as palavras (ter retirado os cartazes), mas de um conjunto de práticas discursivas que se formam. As matérias, editoriais, artigos publicados no jornal *O Globo* são analisados nesta pesquisa como práticas discursivas, assim como os discursos produzidos por integrantes da Ancine ou do governo, formando uma teia discursiva.

Entre os estudos no campo do jornalismo neste viés foucaultiano destacam-se os trabalhos de Mayra Rodrigues Gomes, e entre eles, os livros *Poder no jornalismo*, de 2003, e *Repetição e diferença nas reflexões sobre comunicação*, de 2001. Para Foucault (1979, p. 224), “no fundo, foi o jornalismo – invenção fundamental do século XIX – que manifestou o caráter utópico de toda esta política do olhar”. O jornalismo passou a demarcar o que se poder ver dos acontecimentos que integram a realidade e o sentido que se constrói estruturam o debate social, características observadas, sobretudo, depois do século XIX, quando se inventou a notícia enquanto gênero discurso próprio da área, além dos processos de reprodutibilidade que ampliaram seu alcance e por meio do qual o jornal se constituiu em uma mercadoria (VENERA, 2020).

Foucault (1979) permite relacionar o jornalismo com uma política do olhar ao selecionar o que ganhará visibilidade na grande vitrine midiática, além de selecionar dentre um conjunto de eventos diários, ainda atribui um sentido (significado) que vai muito além dos fatos.

Em *Sobre Foucault e o jornalismo*, Daisi Irmgard Vogel (2009) entende que todos se sentiam num campo de visibilidade em que o olhar do discurso, a opinião dos outros imporia limites às práticas nocivas e que o jornalismo seria, sem dúvida visibilidade plena. Para a pesquisadora, o jornalismo é uma ferramenta de poder ligado

---

à produção de conhecimento, constituindo-se como dispositivo que institui rituais e domínios de verdade.

A noção de dispositivo adquire importância para o campo do jornalismo. Segundo Fabiana de Amorim Marcello, a definição de dispositivo não tem relação com o significado que se atribui no senso-comum. Um dispositivo forma uma rede complexa de relações, reunindo elementos como discursos, organizações arquitetônicas, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, compreendendo que as práticas discursivas e não-discursivas auxiliam na construção do dispositivo afirmando que o conceito reúne as instâncias do “poder e [do] saber numa grade específica de análise” (MARCELLO, 2014, p. 200).

## **ANÁLISE DO DISCURSO DE O GLOBO SOBRE A RETIRADOS DOS CARTAZES PELA ANCINE**

Na matéria do jornal *O Globo*, de 21/12/2019, “2019: Censura e nomeações polêmicas marcaram a relação entre o governo federal e o setor cultural”, o enunciado censura adjetiva as ações do presidente Jair Bolsonaro desde que entrou no palácio do planalto. Entre as ações: “3/12 Ancine manda retirar das paredes cartazes e filmes brasileiros”. Na matéria, a palavra censura aparece 11 vezes. Na listagem de eventos, que passam a ser interpretados como censura, vão dos cortes de patrocínio a projetos culturais, espetáculos e filmes com temática LGBTQI+.

Na matéria, o termo censura é usado para qualificar ações do governo, sem fazer diretamente relações com outros governos ou experiência na história. A relação é feita indiretamente, ao citar o protesto da atriz Fernanda Montenegro ao posar para a revista *Quatro Cinco Um* como uma “bruxa numa fogueira de livros”, remetente aos períodos das inquisições, na idade média, quando mulheres que fugiam aos padrões morais eram queimadas vivas, ou ainda, em experiências como o nazismo, que jogavam nas fogueiras livros considerados “degenerados”.

Nessa relação, o enunciado “censura” se articula a várias memórias discursivas, como a Inquisição, o nazismo, os dois períodos autoritários do Brasil – o Estado Novo (1937-1945), sobretudo com a campanha de nacionalização, e o período da Ditadura Militar (1964-1985).

---

O modo como a imprensa produz e faz circular o discurso não é separado de certas relações de poder. Em 1964, *O Globo* qualificou como democrático o golpe militar. Em 2 de abril de 1964, o jornal estampou na capa, “Empossado Mazzilli na presidência”, e na linha de apoio, “Fugiu Goulart e a democracia está sendo restabelecida”.

É nesse sentido que o discurso não pode ser analisado somente pela sua estrutura linguística. É nas práticas discursivas, na rede de relações que se forma que dão as condições para que determinado sentido se torne possível.

Quero dizer que, em uma sociedade como a nossa, mas no fundo em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso. (FOUCAULT, 1979, p. 179)

A narrativa sobre os fatos iniciou com primeira nota, “Ancine manda retirar das paredes cartazes de filmes brasileiros”, de Ancelmo Gois, em 03/12/2019. Na nota, Gois utilizou de termos como “olavobolsonarista”, dando referência que o governo Bolsonaro tem como guru o escritor Olavo de Carvalho, e “morte ao cinema”, pelas consequências que tais atitudes poderiam levar ao fim do cinema livre. Carvalho é um ensaísta representante do conservadorismo brasileiro que declarou apoio ao governo de Jair Messias Bolsonaro.

Na nota seguinte, “Decisão da Ancine provoca reação entre cineastas”, de 04/12/2019, Gois deu sequência ao assunto do primeiro texto, mas desta vez com a reação do movimento nas redes sociais promovido pelo coletivo “Filma Rio”, que utilizou o termo “pôsteres de longa metragem tupiniquins” como referência ao material retirado da sede. Tupiniquins são os povos indígenas mais conhecidos e citados no Brasil. Segundo o site *Povos Indígenas no Brasil*<sup>7</sup>, o termo pode também ser sinônimo de nacional, ou seja, ao invés de usar o termo cinema nacional, utiliza-se cinema Tupiniquim. No texto, cita-se “pôsters de longas tupiniquins” trazendo informações de filmes de nacionalidade brasileira. Na linha de apoio da nota de Gois, temos uma sequência das informações, após utilizar o termo “Morte ao cinema”, o jornalista alerta que “Agoniza, mas não morre”, para dizer o público atingido não deixará o assunto ser encerrado.

---

<sup>7</sup> Ver: <https://www.indios.org.br/pt/Povo:Tupiniquim>. Acesso em: 22 maio 2020.

**Figura 1.** Primeira nota sobre a retirada dos cartazes



Fonte: *O Globo*, 03/12/2019

A palavra “limpeza” é repetida nos textos das colunas de Gois e Lauro Jardim, também em matérias com assinatura do *O Globo* ao fazer analogia ao que, para o governo, degeneraria os valores morais da sociedade. O enunciado limpeza tem função de se ligar a uma memória discursiva tão presente no projeto de modernidade, ou seja, de purificação, higienização e disciplinamento. O resultado mais radical desse projeto se efetivou na Alemanha Nazista (1933-1945), tendo a cruzada de purificação como um dos objetivos desde seu início, no primeiro ano de governo de Hitler (1933), com as exposições das chamadas artes degeneradas. Eram pinturas, filmes, cartazes, livros considerados decadentes e que degenerariam o espírito germânico.

**Figura 2.** Na editora de Cultura de O Globo



Fonte: *O Globo*, 04/12/2019

A matéria “Em protesto virtual, brasileiros compartilham pôsteres de seus filmes nacionais favoritos”, de 04/12/2019, trouxe um resumo dos últimos acontecimentos do episódio. O assunto rendeu nas redes sociais um protesto utilizando cartazes dos filmes nacionais favoritos. A palavra “limpeza” surgiu logo no início do texto. Foi divulgado também a nota oficial da Ancine explicando os motivos sobre a descontinuação das divulgações dos filmes. Foi colocada na nota da agência, segundo a qual o assunto foi mal interpretado pela falta de conhecimento de uma agência reguladora.

---

## OS SENTIDOS DE CENSURA E LIMPEZA NAS PERFORMANCES DA REVISTA *QUATRO CINCO UM*

*Quatro Cinco Um*<sup>8</sup> é uma revista lançada em maio de 2017 por Fernanda Diamant e Paulo Werneck, trazendo conteúdo jornalístico voltado para consumidores de livros, com resenhas dos lançamentos no país, cobrindo em torno de 20 áreas da produção editorial. A primeira tiragem foi de 32 mil exemplares, dos quais 27 mil foram encartados nos exemplares de assinantes da revista Piauí até o mês de outubro de 2017.

Distribuída mensalmente, utiliza uma linguagem clara, sem jargões, com destaque a novidades literárias nas áreas da política, da economia, da ciências e da cultura, mas sem deixar cobrir a ficção brasileira e estrangeira. A publicação é realizada por meio de parcerias na área de papel (Pólen) e impressão (Ipsis).

A capa da revista de ensaios literários, *Quatro Cinco Um*, do mês de outubro de 2019, dedicou ao tema principal da edição: "Sobre livros e bruxas", com retrato de atriz Fernanda Montenegro vestida de bruxa e com olhos azuis pintados nas palmas das mãos. Os olhos nas mãos baseiam-se na lenda "Te-No-Me: O Yokai" – segundo o site Cultura Japão<sup>9</sup>, faz referência ao personagem mitológico que ao invés de ter olhos no rosto obtinha-os nas palmas das mãos e se alimentava de seres humanos. Essa referência aparece também no filme *O Labirinto do Fauno*, sendo o guardião de uma sala secreta. No filme, esta criatura gosta de devorar crianças. A manchete faz referência às temáticas que a edição retratou – a biografia e a vocação de Montenegro, livros com referência ao mundo das bruxas, além de cursos oferecidos para bruxas que buscam transformação e terapias holísticas.

---

<sup>8</sup> Ver: < <https://www.quatrocinco.um.com.br/br/a-revista-dos-livros>>. Acesso em: 13 jun. 2020.

<sup>9</sup> Ver em: < <http://culturajapao.com.br/curiosidades/te-no-me-o-yokai-com-olhos-nas-maos/>>. Acesso em: 22 ago. 2020.

**Figura 3.** Fernanda Montenegro em ensaio crítico



Fonte: Revista *Quatro Cinco Um*, outubro de 2019.

Com a ascensão da igreja Católica no século 12<sup>10</sup>, a inquisição chegou a exterminar 100 mil pessoas, entre homens, crianças e mulheres. As conquistas de liberdade e a quebra de condutas socialmente aceitas levou milhares de pessoas à morte. “As bruxas estão à solta” com Fernanda caracterizada de bruxa, remete a reflexões sobre casos de bruxaria retratado em livros de autores como: Arthur Miller, que escreveu sobre o maior evento de caça às bruxas em Massachusetts, conhecido como Bruxas de Salem; Jeffrey B. Russell e Brooks Alexandre com *História da Bruxaria*; Stuart Clark em *Pensando com demônios: a ideia de bruxaria no princípio da Europa moderna*; Silvio Frederici em *Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais*; e, por último, Stacy Schiff com *As bruxas: intriga, traição e histeria em Salem*.

O *Tribunal do Santo Ofício* – mais conhecido como Inquisição – foi um grupo de instituições que integrava a Igreja Católica Romana, e tentou apagar o passado das

<sup>10</sup> Ver: <

<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/historia-caca-as-bruxas-mulheres-mortas-por-bruxaria.phtml> >. Acesso em: 22 maio 2020.

---

mulheres que foram consideradas bruxas. Segundo a historiadora Carolina Rocha Silva (2018, p. 31-32):

a partir da segunda metade do século XV até a primeira metade do século XVIII, milhares de mulheres foram processadas pelo crime de bruxaria na Europa. Os julgamentos eram, de início, realizados pelos tribunais eclesiásticos, mas a partir de 1550 passaram a ser realizados também em tribunais civis. O emprego da palavra bruxaria estava, quase sempre, associado a algum tipo de magia maléfica produzida por um poder sobrenatural, extraordinário e oculto.

A performance fotográfica que Fernanda fez sinaliza para a direção de que o governo brasileiro quer apagar o passado cultural do país, com o é “demonizado” e precisaria passar por uma “limpeza”, como a retirada dos cartazes. Nesse contexto, a atriz, referência na dramaturgia brasileira, posa amarrada por uma corda envolvida em seu corpo e embaixo de seus pés livros jogados que dariam sustentação para acender uma fogueira, simulando uma cena medieval. Explicações ao rodapé da imagem na galeria do site da revista, diz que “As bruxas de Salem, Joana D’Arc e o romance distópico "Fahrenheit 451", de Ray Bradbury, em que livros são proibidos — e de onde vem também o nome desta publicação — foram algumas das inspirações para o ensaio”.

**Figura 4.** A fogueira das bruxas no governo Bolsonaro



Fonte: Revista *Quatro Cinco Um*, outubro de 2019.

O conteúdo publicado pela *Quatro Cinco Um* aborda a censura dos governos militares (1964-1985) em que Fernanda viveu, mensurando a luta pela sobrevivência e que nas poucas vezes em que surgia uma perspectiva de fomento à produção cultural, não demorava para que a verba fosse cortada ou reduzida. Segundo Montenegro, em entrevista para *Quatro Cinco Um*, as atitudes governamentais “ripa, como sempre, nós atores”.

A repercussão das imagens se deu após o, então, diretor da Fundação Nacional das Artes (Funarte), Roberto Alvim, ofender a atriz chamando-a de "sórdida e mentirosa". A matéria publicada no *O Globo*, em 23/09/2019, “Ofensa de diretor da Funarte a Fernanda Montenegro indigna classe artística”, denuncia os termos utilizados por Roberto em uma publicação ofensiva em sua rede social gerando indignação dos colegas de profissão da atriz.

---

Na coluna de Joaquim Ferreira dos Santos ao conversar com Fernando Pimenta – idealizador de vários cartazes de filmes, vinhetas e aberturas de filmes – a cartola “Guerra Cultural” é vista no elemento textual da publicação “Ancine destrói cartazes de filmes, ‘rei’ do gênero faz um novo”, publicada pelo *O Globo*, em 04/12/2019. A guerra cultural é dada em contexto bolsonarista em acreditar que “todos os grandes nomes da arte nacional são inimigos” pelas atitudes tomadas o governo.

As polêmicas envolta de Jair Bolsonaro que poderia desencadear uma nova ditadura militar são ao encontro de práticas e memórias do passado. Não somente da experiência da ditadura militar (1964-1985), mas também do período totalitários de Getúlio Vargas (1937-1945). Em 1939 foi criado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão governamental regulamentado pelo Decreto-Lei nº 1.915. Segundo o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas<sup>11</sup>, o "Cinejornal Brasileiro" foi uma série de documentários de curta metragem de exibição obrigatória antes das sessões de cinema trazendo informações políticas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que falta uma cobertura mais aprofundada, principalmente, sobre a retirada da aba de divulgação do site da Ancine. A cobertura se concentrou nos cartazes físicos da agência, mesmo assim faltou contextualizar a parte institucional como órgão regulamentador do governo e trazer as explicações mais consistentes sobre a importância que a pasta tem para o segmento cultural.

Em *O Globo*, a cobertura foi rápida, com textos curtos, mesmo assim fez funcionar, sobretudo, os sentidos censura e limpeza, este segundo como metáfora que remete a projetos higienistas que marcaram eventos tão traumáticos da sociedade moderna, como no caso do nazismo, na Alemanha, ou nos projetos de branqueamento do Brasil.

A performance fotográfica em *Quatro Cinco Um* foi ao encontro do sentido produzido pelo jornal *O Globo*. As referências às bruxas, à fogueira e às obras banidas

---

<sup>11</sup> Ver: <

<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/DIP>>.  
Acesso em: 22 maio 2020.

na sociedade reforçam a memória discursiva de eventos traumáticos que ligam experiências como a inquisição na Idade Média à censura da arte em governos fascistas, com práticas autoritárias.

Na análise, percebemos que o discurso vai muito além de uma realidade factual, como tentou justificar Muniz, diretor da Ancine, ao recorrer ao princípio da isonomia. A retirada dos cartazes se integra à uma prática discursiva que dá corpo às posições do governo, ecoando práticas de outros governos, como da ditadura militar no Brasil.

## REFERENCIAS

- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- GERBER, R. **O mito da civilização atlântica**: Glauber Rocha, cinema, política e a estética do inconsciente. Petrópolis: Vozes, 1982.
- GOMES, M. R. **Poder no jornalismo**. São Paulo: Ed. USP, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Repetição e diferença nas reflexões sobre comunicação**. São Paulo: Annablume, 2001.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.
- LENHARO, Alcir. **Nazismo**: O triunfo da vontade. São Paulo: Ática, 2001.
- MARCELO, F. de A. O conceito de dispositivo e Foucault: mídia e produção agonística de sujeitos-maternos. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 199-213, jan./jun. 2004.
- SILVA, C. R. Com quantos medos se constrói uma bruxa? Demonização e criminalização das mulheres no Brasil Colonial. **Campos**. V. 19. N. 2. 2018.
- VENERA, José Isaías. O campo da comunicação e do jornalismo em torno dos problemas do poder e da dominação. In: GOLEMBIEWSKI, Carlos (org.). Pesquisa em comunicação: jornal, rádio, TV e redes. Curitiba: Brazil Publishing, 2020. p. 6-15-xx.
- VOGEL, D. I. Sobre Foucault e o jornalismo. Verso e Reverso. **Revista de comunicação**. V. 23, n. 53, 2009.